

# *O Carisma Canossiano*

*Uma abordagem formativa*





## Apresentação

Dou graças a Deus de todo o coração, pelo **precioso dom** que Deus concede a toda a nossa Família Canossiana, neste início do terceiro milênio da era cristã: o de **ter em mãos** um texto que encerra, em forma descritiva, o grande tesouro do carisma que o Espírito concedeu à Igreja.

Agradeço de coração a todos – Sacerdotes e Irmãs – que colocaram à disposição mente, coração, tempo, paixão para oferecer a todos nós este instrumento altamente formativo. O Senhor Jesus recompense a cada um como só ele sabe fazer.

Este texto nasceu como **instrumento a serviço do diálogo entre Irmãs, Irmãos, Leigos e Organismos do Instituto**, para auxiliar no aprofundamento do carisma recebido de Deus em S. Madalena de Canossa, justamente no momento em que a sua fecundidade vai exigindo de nós uma encarnação mais profunda deste carisma nos ambientes e nas culturas onde somos chamados a estar presentes e a servir.

Segundo a indicação das Deliberações Capitulares, este instrumento deve fornecer uma “descrição sintética e baseada teologicamente no carisma em seus elementos fundamentais, em relação à fé e à ministerialidade”, como ajuda para a vida do Instituto, chamado a viver “a unidade do carisma na variedade das suas encarnações”<sup>1</sup>.

Não é um documento que pretende ser um tratado completo. O Instituto já dispõe, além da *Regra de Vida*, de um conjunto de documentos que tratam de diversos aspectos do carisma e algu-

---

<sup>1</sup> Cf. XIV CAPITULO GERAL, *Deliberações capitulares*, p. 4.

mas de suas implicações fundamentais. Entre os mais recentes, recordamos ao menos o *Plano de Formação das Filhas da Caridade Canossianas* (1996), *as Linhas Mestras da Caridade ministerial das Filhas da Caridade Canossianas* (1996), *o Voluntariado Internacional Canossiano* (1996), *Linhas Mestras da Pastoral Juvenil Canossiana* (2000), *a Interministerialidade na Comunidade Canossiana, sinal legível da Caridade* (2002), *Linhas Mestras de Pastoral e Animação Vocacional Canossiana* (2002). A estes documentos, juntam-se diversos estudos, editados e não editados, elaborados por irmãs, irmãos e leigos Canossianos, dedicados à figura de S. Madalena, à sua intuição carismática e às suas realizações.

A especificidade do instrumento aqui proposto está na **perspectiva sintético-genética**, segundo a qual o carisma é lido. Trata-se de uma apresentação do carisma numa seqüência ordenada, que mantém em evidência o núcleo central, ao redor do qual tudo converge e dele recebe luz. Enquanto instrumento, não é auto-suficiente: pressupõe não somente o retorno às fontes, mas também os outros aprofundamentos com que o Instituto se dotou e que apenas foram mencionados. Enquanto exposição sintética do carisma segundo a sua gênese, pode ser de proveito a sua fisionomia de conjunto, para não perder de vista cada elemento, de modo a poder colocá-los no quadro geral dentro de suas diversas atuações.

Com esta finalidade, o texto se apresenta dividido em três partes:

- ▶ a primeira parte, introdutória, situa o carisma na fé e na vida da Igreja. Todo carisma, como dom do Espírito, é sempre desenvolvimento e atuação da fé e encontra, nas fontes da fé, nutriimento fundamental;
- ▶ a segunda parte, a mais ampla, expõe, em dez pontos, a fisionomia do carisma, mostrando como a sua **fonte**, que é também o seu **centro**, delinea uma modalidade específica de vida cristã religiosa apostólica;

- ▶ a terceira parte procura sugerir de que forma o carisma se nutre da vida da Igreja e oferece a sua original contribuição para que a Igreja esteja junto aos homens, principalmente os mais pobres, sinal e instrumento do amor de Deus, e para que todos, em particular os mais necessitados, tenham lugar e voz na Igreja.

Devido ao **caráter sintético do texto**, as notas ocupam um lugar de destaque. Elas contêm esclarecimentos e reenvios às fontes que pedem particular e atenta consideração para a correta compreensão do próprio texto e da sua fundamentação.

A finalidade deste instrumento torna-o, por natureza, um texto **aberto**, em caminho. A sua utilidade e aproveitamento estão ligados, em grande parte, ao caminho que poderá realizar entre nós em nossas comunidades. Trata-se, portanto de um **“texto formativo”**, que pode ser utilizado de diversas maneiras, deixando a cada Província ou Organismo do Instituto, aquela liberdade criativa e construtiva que leva a delinear, dentro de cada contexto cultural, caminhos de aprofundamento, de estudo, de pesquisa e de inculturação do próprio carisma.

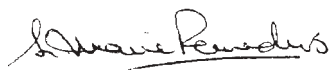
A título de simples exemplificação é possível sugerir aqui um esquema básico. Para cada aspecto (ou um conjunto deles), pode-se evidenciar uma série de cinco momentos:

- ▶ *um intercâmbio de experiências vividas ou de perguntas que temos ou ouvimos a propósito do carisma,*
- ▶ *o estudo de um ou mais passos das fontes que o propõem (pode-se utilizar as anotações),*
- ▶ *o aprofundamento da fundamentação bíblica (e eventualmente da sua compreensão teológico-magisterial),*
- ▶ *a sua atualização na Regra de Vida ou em documentos recentes do Instituto,*
- ▶ *o confronto com os modos pelos quais é, atualmente, vivido em nossas comunidades e a individualização de ulteriores passos de maturação e inculturação.*

Enquanto instrumento de diálogo, este texto **espera** também **um retorno** que lhe permita uma ulterior avaliação e ofereça sugestões mais fecundas e praticáveis para as suas modalidades de emprego. Está nas mãos de todas, a serviço do diálogo e do caminho fraterno.

Estou certa de que o estudo pessoal e de grupo deste precioso instrumento suscitará ulteriores reflexões, válidos aprofundamentos, novas descobertas que, por sua vez, se tornarão riqueza para todos e fecundidade para o Reino.

A **unidade carismática**, penetrada na diversidade das culturas e no decorrer do tempo, permanece sempre patrimônio comum, riqueza de família, garantia de comunhão. Por tudo isso agradecemos ao Espírito, que continua a abençoar o nosso “mínimo Instituto.”



M. Marie Remedios  
*Superiora Geral*

*Roma, 8 de dezembro de 2002*  
Festa da Imaculada Conceição

*Apresentação*

**0** *Introdução*

**1** *O lugar do carisma na fé cristã*

**2** *O Carisma de Madalena de Canossa*

- O amor de Jesus Crucificado, fonte do carisma de Madalena
- O amor do Senhor Crucificado ponto de chegada da busca de Madalena
- A riqueza do amor do Senhor Crucificado
- O dúplice mandamento do amor
- A Eucaristia como lugar eclesial do senhor Crucificado
- Maria, a Dolorosa Mãe da caridade, “Fundadora” da obra de Madalena
- A caridade segundo a lógica do Crucificado plasma a fraternidade da comunidade
- A ministerialidade da caridade universal e integral
- O carisma de Madalena: prática da contemplação da caridade do Crucificado
- Filhas da Caridade – Servas dos pobres

**3** *Carisma e Espírito do Instituto*

- O carisma na vida da Igreja
- O carisma na vida do Instituto





## Abreviaturas

Sl	Livros dos Salmos
Mt	Evangelho segundo Mateus
Mc	Evangelho segundo Marcos
Jo	Evangelho segundo João
1 Cor	Primeira Carta de S. Paulo aos Coríntios
Hb	Carta aos Hebreus
Ap	Livro do Apocalipse de S. João
RD	Regola Diffusa, M. de Canossa, manoscritto milanese, Milano 1978
RdV	Regra de Vida das Filhas da Caridade, Canossianas, Roma 1991
M	Memórias, M. de Canossa, comentário de E. Pollonara, Milão, 1988
Ep	Epistolário, M. de Canossa, a cura di E. Dossi, Roma 1967- 1983
R.s.s.	M. di Canossa, regole e scritti spirituali, a cura di E. Dossi, Roma 1984-85
P	Piani, M. di Canossa, in Ep. II/2
LG	Lumen Gentium, Concílio Vaticano II, 1967
PC	Perfectae Caritatis, Decreto sobre a renovação da Vida Religiosa, Vaticano II, 1965
ET	Evangelica Testificatio, Exortação Apostólica, Paulo VI, Roma, 1971
VC	Vita Consecrata, Exortação Apostólica de João Paulo II, Roma 1996



0

## *I ntrodução*

A descrição de um carisma<sup>1</sup> pode ser feita segundo vários pontos de vista.

a) *genético-biográfico*. Através da vida do/a fundador/a, seguem-se e se iluminam as etapas, as experiências, mediante as quais a intuição carismática progressivamente exposta, esclarecida e estabilizada, é partilhada e se torna operativa e “obra”/instituto.

b) *analítico-sintético* (ou documentário). Analisam-se separadamente as diversas expressões e exposições do carisma nos diferentes momentos e documentos em que ele recebeu formulação (no caso de Madalena: as Cartas do Pe. Libera, os Planos, as Memórias, a Regra Difusa, o Epistolário, as Catequeses; e ainda eventuais destaques diversos na fundação de cada casa...). Num segundo tempo, relevando as constantes, chega-se a uma síntese, distinguindo os elementos básicos, constitutivos e permanentes, e as variáveis, ligadas a cada circunstância.

1. Carisma é um termo que não tem significado único. Já no NT (aparece 17 vezes, sendo 16 só em Paulo), é usado com um significado geral: dom gratuito, graça concedida a todos, e com um significado específico: dom particular, manifestação da multiforme graça de Deus que se diversifica em cada crente, diversos membros do único Corpo de Cristo, que é a Igreja (1Cor 12; Rm 12; Ef 4). Assim é raiz de um serviço, de uma tarefa, de um modo de ser e agir e que concorrem para a santificação da vida cristã e da vida da Igreja. O Concílio Vat.II não descreve diretamente a V.R. como “carisma”, mas aponta para esta direção quando a descreve como *dom do Espírito Santo, como diversidade de dons que dão lugar a formas estáveis de vida*, que a Igreja reconhece e que contribuem para a sua edificação e missão. (LG 43-44; PC1).

Paulo VI na *Evangelica Testificatio* (1971) fala de “carisma do fundador” no sentido de que ele é suscitado por Deus. Referido à vida religiosa, carisma indica o dom constituído pela própria vida religiosa, aplicado a um Instituto, indica a sua identidade e a missão (ET 11). João Paulo II, na exortação apostólica pós-sinodal *Vita*

c) *sintético, de modo genético e formativo.*

É uma análise que pressupõe, num certo modo, os dois primeiros e se propõe a individualizar o núcleo central, gerador, onde o/a fundador/a chegou e ao redor do qual tudo é reexaminado. À luz de tal centro fundante e perspectivo, verifica-se a coerência das suas expressões de atuação, como estilo de vida e especificidade de serviço, e emergem as implicações formativas. A escolha deste terceiro caminho, que não torna supérfluos os outros dois, (aliás, precisa deles), é devido aqui às exigências de dispor de uma apresentação breve e aberta do carisma, de modo a poder servir de ponto de convergência e de diálogo para o seu aprofundamento-atualização e para o cuidado das instâncias formativas, na variedade das culturas em que o Instituto se radicou e vive<sup>2</sup>.

*Consecrata* (1996), refere-se à VR como um dom específico do Espírito Santo que aprofunda e desenvolve a consagração batismal e que contribui para realizar a santidade e a missão da Igreja (31-32). Em resumo, pode-se entender por carisma, segundo o uso que hoje se tornou comum, uma modalidade particular de atuar o seguimento de Cristo, suscitada pelo Espírito Santo e reconhecida pela Igreja que ajuda a realizar a figura e a missão da Igreja.

2. A brevidade do texto é devido ao seu caráter sintético, uma vez que o Instituto já dispõe, além de suas *Constituições-Regra de Vida*, de um conjunto de documentos elaborados em resposta a solicitações de aprofundamentos e atualização, de formação e de explanação de sua ministerialidade, na mutação das condições sócio-culturais. O caráter aberto responde à finalidade de servir, num contexto de pluralismo cultural e operacional vivido pelo Instituto no mundo, ao diálogo e ao intercâmbio para reconhecer e manter nas diversidades a identidade carismática e, reciprocamente, para favorecer a compreensão de como a mesma riqueza carismática possa ser expressa através de modalidades diferentes de atuação.

Este objetivo pede acolher a exigência de interpretar o carisma como condição para atuá-lo fielmente na mutação das condições históricas. Interpretar significa reconhecer a não coincidência entre o carisma e as suas formas expressivas na história. Para compreendê-lo é necessário, portanto, retornar

ao processo que o levou a se formular, de acordo com as diferentes maneiras na diversidade de condições que encontra. O Concílio Vaticano II, lembrou que uma correta renovação da Vida Religiosa “comporta o contínuo retorno às fontes de cada forma de vida cristã e ao espírito original dos Institutos e, ao mesmo tempo, a inserção dos próprios Institutos nas condições mutáveis do tempo” (PC 2). Depois do apelo ao fundamental seguimento de Cristo, dois, entre os critérios usados pelo texto conciliar, parecem muito significativos: 1) a compreensão do espírito e da finalidade dos fundadores e 2) a consciência das condições dos tempos e dos homens e das necessidades da Igreja. É também relevante o apelo para o empenho da renovação e do “ajornamento”, que compete a todos os membros dos Institutos, (PC 4), o que exige um grande cuidado na formação (PC 18). Trata-se de favorecer o encontro entre a compreensão do passado, onde o carisma tomou forma e se tornou “tradição”, e a compreensão do presente, onde o carisma é chamado a servir o Reino de Deus na Igreja e como Igreja, segundo a sua especificidade. Sujeito de tal compreensão é, antes de tudo, o sujeito do carisma, ou seja, as comunidades concretas nas quais o Instituto se articula e vive.



**1**

*O lugar  
do carisma  
na fé  
cristã*

A compreensão de um carisma tem o seu lugar na compreensão da fé e da sua estruturação, ou seja, da fé como ato, como conteúdo e como atitude.

A fé cristã é adesão pessoal ao Evangelho, ato da liberdade que acolhe a boa notícia de Jesus. Esta boa notícia tem como conteúdo a riqueza da paternidade de Deus, nos traços humanos de Jesus que se tornou um de nós, nosso irmão, e operante em nós e entre nós no dom do seu Espírito, concedido a todos. Esta fé tem, simultaneamente, caráter pessoal, comunitário (eclesial) e operativo. Para reconhecer o lugar do carisma em relação ao fundamento e no interior da fé, deve-se levar em consideração alguns pontos essenciais.

### *A fé como encontro*

A figura fundamental da fé cristã é a do encontro<sup>1</sup> provocado por um acontecimento e anunciado pelas testemunhas suscitadas por tal evento. Trata-se do encontro com Jesus de Nazaré, profeta do Reino de Deus, morto e ressuscitado, Filho de Deus e Senhor de todos, acreditado, celebrado, testemunhado e anunciado pela Igreja.

1. Deve-se notar, em primeiro lugar, que também do ponto de vista antropológico, o encontro (não como puro fato físico, mas intencional) é o espaço da vida. De fato, ele permite a cada um a experiência de ver o próprio valor reconhecido (além de satisfazer as próprias necessidades), e a possibilidade de descobrir na forma do testemunho, valores promocionais e dignos de ser perseguidos e, portanto, a perspectiva de dar direção a própria vida, estruturando-a de modo adequado às próprias capacidades, acolhendo com reconhecimento a partilha que de tal modo também se encontram e ainda levando em conta os inevitáveis momentos de solidão e dificuldades, uma vez que se empenha por aquilo que é digno, mas que ainda não se tornou inteiramente identidade na nossa história.



## *oferta*

Este encontro se apresenta como oferta da disponibilidade do amor do Pai, expresso em termos humanos no Filho Jesus e capaz de se tornar em nós, graças ao seu Espírito, fonte de vida, filial e fraterna.

## *decisão*

Esta oferta, que da nossa parte é descoberta inexaurível, coloca-nos em condição de uma decisão, de uma escolha, que é percebida como algo que valoriza a nossa vida, as riquezas pessoais e culturais de cada um, em termos de realização.

## *aprofundamento*

A decisão de fé continua a se nutrir da riqueza do encontro que a gerou, segundo as modalidades com as quais o Senhor Jesus se expressou e que a Igreja acolheu: a Palavra, os sacramentos, o ministério, na incessante criatividade do Espírito. A decisão de fé é modelada pelo seu fundamento, o Senhor Jesus, e pela relação com Ele, através da qual nós chegamos a uma gradual compreensão de seus conteúdos.

## *atitudes*

Decisão e conteúdos pedem e alimentam atitudes adequadas, como a escuta, a interiorização da Palavra, a compreensão dos sinais, a cordial e humilde aceitação do serviço fraterno, que permitem à decisão de fé se tornar fidelidade e perseverança, abandono confiante no Senhor. Sem estas atitudes, falta à decisão e ao conteúdo da fé o terreno adequado à sua vitalidade.

Os conteúdos sem a decisão, por sua vez,

correm o risco de se tornar simplesmente conceitos intelectuais, como também a perseverança sem o cuidado dos conteúdos, pode reduzir-se a mera devoção.

### *pluralidade dos carismas*

Em razão da riqueza superabundante que o encontro com o Senhor oferece, nenhum cristão pode considerar-se completo. Cada uma faz parte do coro das testemunhas beneficiadas pelo encontro na fraternidade que vive pela graça, segundo uma variedade de modalidades e de ações que, provam exatamente a sua não exaustão.

É esta riqueza do Espírito que sustenta a Igreja, que contribui, segundo o dom concedido a cada um, para torná-la vitalmente o que ela foi chamada a ser.

É o conjunto dos dons do Espírito que permite à Igreja retomar continuamente na História o seu “bom funcionamento”, segundo a caridade de Deus e de permanecer aberta a todos, principalmente aos pobres, aos marginalizados da História, com os quais o Senhor se solidariza a ponto de se identificar com eles.

### *vida consagrada religiosa*

No coro dos carismas da Igreja, a variada tradição da vida consagrada/religiosa, encontra sua origem e razão de ser. Ela dá ênfase à transcendência do Reino de Deus, ao seu valor que ultrapassa todas realidades históricas, e se traduz na acentuação da gratuidade do amor de Deus para com todos. A vida religiosa está intimamente ligada ao evento da encarnação, do qual enfatiza o valor transfigurador. A Vida reli-

giosa na Igreja não comporta fuga da história, enquanto lugar do provisório, mas se torna profecia que invoca e se empenha para a antecipação do definitivo - a vida eterna. É peculiar instância profética, que toma forma segundo os diversos impulsos do Espírito e daquilo que as condições históricas têm necessidade, para que seja visível a salvação do mundo. Esta salvação se realização além do limite da história, mas é salvação da história e não evasão dela<sup>2</sup>.

Destinatários da salvação são o nosso mundo e a nossa história, chamados à purificação e maturidade na plena estatura dos filhos de Deus. Chamado à ressurreição é todo homem na sua “carne”, ou seja, na trama das relações que lhe são próprias e no caminho através do qual é chamado a desenvolvê-las e amadurecê-las. A escatologia não leva o mundo ao ponto zero, do qual deveria começar tudo de novo, segundo modalidades, sem ligação com tudo aquilo que precedentemente ele experienciou e viveu; ela se configura mais como juízo que discerne e leva à realização do que viveu segundo a bondade de Deus, reconhecida nas palavras e gestos de Jesus e acolhida nas inspirações do seu Espírito. O definitivo não desvaloriza o provisório, mas revela o seu valor de servir profeticamente.

2. Podemos notar como a Exortação Apostólica pós-sinodal, *Vita Consecrata*, indique no ícone da transfiguração uma representação da vida religiosa.





2

*O carisma  
de  
Madalena  
de Canossa*

O carisma de Madalena pode ser colhido, sinteticamente, quer no perfil que, “por obediência”, ela traça do caminho espiritual que a leva a dar vida à obra das Filhas e dos Filhos da Caridade<sup>1</sup>, quer através dos escritos com que ela o exprime para as suas filhas<sup>2</sup>, quer nos eventos nos quais ela reconhece a progressiva realização dele<sup>3</sup>, quer ainda nos diálogos, principalmente epistolares, onde ela é solicitada a clarificá-lo com precisão, para evidenciar sua peculiaridade<sup>4</sup>. Tentamos aqui uma descrição sintética do carisma, segundo a sua gênese, e procurando deixar transparecer as instâncias formativas

### 1. *O amor do Senhor Crucificado fonte do carisma de Madalena*

Madalena reconhece que a sua vida e a sua obra são inteiramente movidas e orientadas pelo contraste paradoxal que ela contempla no Senhor Crucificado que, devido às circunstâncias da história, é reduzido exteriormente à impotência da cruz, marcado pela rejeição, do não-amor, revelando assim a face escura da história humana e fonte da sua pobreza. Ele, interiormente, torna-se sobremaneira ativo, exercendo as virtudes em

1. Madalena inicia suas Memórias dizendo: “Tendo sido obrigada, por obediência, a revelar com quais meios e por quais caminhos Deus se dignou dar início à Instituição das Filhas da Caridade, escreverei o que recordo, como melhor a memória me sugerir”.

2. Refere-se de modo particular à *Regra Difusa*, escrita (provavelmente entre 1814 e 1815), conforme a própria Madalena afirma no prefácio, para indicar os “meios” necessários para a realização do carisma. Nos *Planos*, Madalena apresenta às autoridades eclesásticas e civis, as intenções que a movem e os objetivos que entende perseguir com a sua Instituição.

3. A fundação da Casa de Veneza (1812), é particularmente significativa, por ter sido aberta em condições de enormes dificuldades, “sem nenhum apoio” (M. III, 14). Madalena escreve a propósito: “Deus começou também esta casa, que por ser a primeira onde se exercem os três ramos de Caridade, é considerada como a primeira do Instituto”. (Carta a Carolina Durini, 30.01.1816; cf. a mesma em data de 09.08.1812).

4. É particularmente iluminador o intercâmbio epistolar com

grau supremo e, de maneira inefável, a caridade para com Deus e os homens<sup>5</sup>. O Senhor Jesus não se deixa condicionar por forças externas, mas continua a viver impulsionado interiormente pelo seu Espírito *amabilíssimo, generosíssimo, pacientíssimo* (RD, Pref.). Esta liberdade de amar, que liberta o homem das suas escravidões, vértice da revelação de Deus, se torna a grande atração, a graça, que inspira Madalena: “*não podendo por mim mesma, senti-me transportada a amar Jesus com o coração de Jesus*” (M. XIII,10)

## 2. O amor do Senhor Crucificado ponto de chegada da busca de Madalena

No Senhor Crucificado, no amor que a sua cruz revela e realiza, Madalena encontra a composição dos motivos, impulsos e tensões, por cuja realização buscou e se esforçou em sua juventude. As “Memórias” registram principalmente cinco:

- ◆ A busca de agradar a Deus, o desejo de ancorar a própria vida no único Deus, no “Deus só”. É o percurso que, no início de seu caminho espiritual, a leva para a clausura<sup>6</sup>.
- ◆ A exigência de socorrer os pobres, aqueles que são empurrados para a margem da sociedade e das possibilidades que ela oferece. Trata-se dos “irmãos necessitados”, cujo abandono esconde a paternidade de Deus por todos<sup>7</sup>.

Antonio Rosmini, entre 1821 e 1835. Em particular na longa carta a ele endereçada no dia 08 de janeiro de 1826, Madalena especifica seu modo de entender a atuação da Caridade em seu Instituto, modo que é diferente daquele do estimadíssimo amigo de Rovereto, o qual retém que a Caridade mais ampla e universal, seja aquela ligada aos ofícios próprios do ministério eclesiástico. Para Madalena, porém, o critério principal da Caridade é a necessidade dos pobres e a possibilidade da maior proximidade com eles. (Cf. A. CATTARI, E. DOSSI, M. NICOLAI, *Maddalena di Canossa* in dialogo, III, 197-340).

5. Cf. RD, *Carità verso Dio, Povertà 1; Carità verso il prossimo 1*.

É importante observar que nesta intuição Madalena recupera o significado profundo da devoção a Jesus Crucificado, resgatando-a do risco de se deter no sofrimento como se ele fosse o único significado da cruz. A perspectiva de Madalena aparece próxima da de João, que vê na Paixão de Jesus a hora da glória e como o esplendor do amor, que permanece fiel exatamente quando a sua eficácia é contestada, quando se encontra exposto à incompreensão até à rejeição (Cf. Jo 12,23-28: 13,1: 31-35: 19, 28-30).

6. Cf. Cartas do Padre Libera; M. I, 3-15. As cartas do Padre Libera constituem uma preciosa fonte indireta da busca da jovem Madalena.

7. Cf. I Piani, a partir do primeiro, B6 (1799), M. I, 25 (inspirado no livro de Tobias): RD, Pref.: “*como serva dos pobres*”

- ◆ O empenho em combater o mal, em se opor àquilo que compromete a vida, fazendo brilhar as energias de salvação do Evangelho<sup>8</sup>.
- ◆ O apelo missionário, a compreensão da universalidade do Evangelho como gratuidade do amor de Deus por todos os homens<sup>9</sup>.
- ◆ A busca da glória de Deus, da divina glória (M. I,29), o desejo de “*não ter outra preocupação a não ser pela glória de Deus e a salvação das almas, entregando a Ele o pensamento de qualquer outra coisa*” (M. II,50)

Estas cinco solicitações, que tinham impulsionado Madalena para tentativas de solução que sempre ofuscavam uma ou outra, encontram uma original síntese no duplice mandamento do amor, levado a efeito pelo Senhor Jesus na sua cruz, onde o amor para com Deus é vivido ao dar expressão acabada na história do seu amor pelo homem, dando glória a Deus e santificando os homens. Na cruz do Senhor, Madalena vê encontrar-se, de maneira inseparável, a instância religiosa e a missionária que urge dentro de si. Nesta original composição, Madalena reconhece a configuração do seu carisma. Esta se torna, finalmente, a sua estrada, a intencionalidade que a impulsiona a projetos e realizações.

*devemos a eles os nossos cuidados, fadigas, atenções e os nossos pensamentos*”. Referente a Mt. 18,5 e 25, 31-46, Madalena lembra que se separar dos pobres significa dissociar-se do Amor de Deus (RD, *Regole delle Scuole, Intr.*). Os dois tratados da identidade “Filhas da Caridade-Servas dos Pobres”, são indissociáveis.

8. Cf. RD, *Discipline per l'esecuzione, Regole delle scuole, Introduzione* (pp. 95-96), M. I, 27-30 (inspirado no Salmo 50,15). Ainda no fim das Memórias, Madalena reconhece a sua vocação de “procurar impedir os pecados movida pelo sentimento do amor [alimentado pela Eucaristia],” (M.XV. 74).

9. Cf. Memórias, I, 28 (inspirado em MC 16,15), 31 (preocupação pela união da Igreja greca com a Igreja romana).



### 3. A riqueza do amor do Senhor Crucificado

A contemplação do amor do Senhor Crucificado leva Madalena a compreender três aspectos indivisíveis:

- ◆ A revelação plena e definitiva do amor misericordioso do Pai por todos, do “curso das Divinas Misericórdias”, da “Caridade Divina”, “Bondade Divina”<sup>10</sup>. Numa história organizada segundo mecanismos que produzem discriminações e distâncias, que empobrecem e empurram para a marginalização, Deus intervém fazendo-se nosso próximo, exercendo um ato de recuperação e de reconciliação. Mediante a sua misericórdia, Deus reconduz cada um à sua dignidade, através de relações fraternas. Assim, a fidelidade a “Deus só” e a busca de sua glória, levam Madalena, simultaneamente, à contemplação e aos três ramos de Caridade: *estar “a sós com Deus só” e animadíssima a trabalhar pelo Senhor* (M. XIII, 13)<sup>11</sup>.
- ◆ A revelação do modo pelo qual Deus vem ao nosso encontro, movido pelo seu amor. Em Jesus, Deus se faz nosso próximo, expondo-se à humilhação, à pobreza, à mais baixa condição, a ponto de ficar “despojado de tudo, exceto que de seu amor”, “não respira senão caridade”<sup>12</sup>. É a trajetória que Madalena encontra proclamada no hino cristológico da carta de Paulo aos Filipenses: “o Divino Senhor se fez por nós obediente até a morte e morte de cruz”<sup>13</sup>, e na apresentação que Jesus faz do seu ministério e de si mesmo aos

10. Cf. RD, *Virtù della mortificazione*, p. 222; Piano B.8-8; B.5-5. Expressões como o “Amor Divino”, a “Divina Caridade” (RD, *Carità verso Dio*, *Virtù dell’umiltà*, Reg.1; della *povertà*, Reg.1) são indicativas do amor do Pai ao qual temos acesso contemplativo através do Senhor Jesus na cruz (cf. RD, *Carità verso Dio*, Reg. 1).

11. No contexto de M. XIII, 13 o “a sós com Deus só”, marcou caráter soteriológico: a relação com Deus é a única em que encontramos plena libertação de nossas fraquezas. Compreende-se, portanto, que esta relação nos anima a trabalhar para que também outros possam ter acesso a Deus.

12. Cf. RD, *Carità verso Dio*, *Povertà*, Reg.1; RD, *Virtù della Carità fraterna*, p. 204.

13. Cf. RD, *Voto di obbedienza; Regole dell’ospitale*, XV.

discípulos (cf. Mc 10,45 par.): “o nosso Divino Salvador, embora sendo o Onipotente e o Altíssimo, que apareceu visivelmente na terra para a nossa salvação, atestou que veio não para ser servido, mas para servir”<sup>14</sup>. É o caminho que a própria Madalena percorre não se limitando a dispensar a caridade aos pobres na sua condição de senhora rica, mas fazendo-se serva dos pobres, expondo-se a se tornar pobre para servir os pobres. Madalena entendeu que não podia amar os pobres como senhora rica, mas que o amor de Jesus Crucificado lhe dava a honra de servi-los<sup>15</sup>.

- ◆ A revelação do objetivo que Deus persegue vindo ao nosso encontro pela via do amor: acender em nós o amor porque nele se encontra a vida, a salvação da vida e a sua riqueza segundo Deus. Fazendo conhecer Jesus Cristo “primeiramente se excita a santa caridade em afeto, e então se ensina a praticá-la de fato”(RD. Regra para a Doutrina, Introdução).

14. Cf. *Regola per la Dottrina*, Introdução.

15. Cf. João Paulo II, *Homilia por ocasião da Canonização de Santa Madalena de Canossa*, 02 de outubro de 1988. É a experiência que Madalena viveu de modo muito intenso na fundação da casa em Veneza: “Deus me conduziu, não só a dedicar-me a esta obra, mas a viver aí, efetivamente, sem nenhum apoio, como tantas vezes me fizera desejar” (M.III,14). Trata-se daquele estilo de servir, que Pio XI resumiu no lema: “caridade na humildade, humildade na caridade”. (Pio XI, Alocução por ocasião da leitura do decreto sobre a heroicidade das virtudes de Madalena de Canossa, 06 de janeiro de 1927). Madalena, explicitamente, une as duas virtudes em M. XIV, 52: “Em Milão, determinei-me a praticar principalmente a humildade e a caridade”. Pio XII, por sua vez comentou: “o amor não sabe ficar longe daqueles que ama[...], Madalena se sentia serva e irmã dos pobres”. (Discurso da beatificação, 09 de dezembro de 1941).

#### 4. O *dúplice mandamento do amor*

O amor contemplado no Senhor Crucificado leva Madalena a compreender de modo singular o conteúdo do *dúplice mandamento do amor*, como síntese da vida segundo o Evangelho. A caridade para com Deus e para com o próximo recebe toda a sua luz “dos exemplos e do Espírito do Crucificado”<sup>16</sup>.

O imperativo “*inspice et fac secundum exemplar*” (M. I,32; Êx. 25,40, interpretado cristologicamente em Hb 8,5), indica o caminho que leva ao cumprimento do *dúplice mandamento do amor*. A contemplação das virtudes do Crucificado nos impele a amar a Deus como resposta ao amor de Deus que nelas se revela e se exprime em forma humana em nossa história. O mesmo amor contemplado em Jesus Crucificado guia o nosso amor para com o próximo, não como esforço nosso, mas como partilha do amor de Deus para com todos, de modo particular para com os pobres. Trata-se do nosso amor como “*imitação na atuação*”<sup>17</sup>, como seguimento do Senhor na sua dedicação a cada irmã e irmão, particularmente aos mais pobres. No reconhecimento e na partilha do amor de Deus que se abriu a nós no amor do Senhor Crucificado, todo homem chega à plenitude e assim celebra a glória de Deus e a glória do seu amor.

16. Cf. RD, *Pref.*; *Carità verso Dio*, Reg. 1; *Carità verso il prossimo*, Reg.1.

17. Cf. RD, *Carità verso il prossimo*, Reg.1.

## 5. A Eucaristia como lugar eclesial do amor do Senhor Crucificado

A Eucaristia, na experiência de Madalena, é lugar carismático particularmente em evidência, “ambiente” espiritual que envolve todo o seu caminho. Da Eucaristia vem “suprema paz, alegria, desejo de paraíso; mas ao mesmo tempo, desejo de trabalhar bastante”. A razão disso é “o amor do Senhor manifestado aos homens no ato de instituir o divino Sacramento”(M.III,45-46)<sup>18</sup>. Na celebração da Eucaristia, Madalena reconhece a permanente disponibilidade do amor do Senhor crucificado e a graça de vivê-lo, no serviço generoso a quem é menos envolvido pelo amor. De modo singular, a Eucaristia lhe recorda o *momento e o modo* pelo qual o Senhor nos confiou o mandamento do amor. A íntima relação entre a Última Ceia de Jesus e a entrega do “seu” mandamento aos discípulos, indica que ele deve ser vivido como *efetiva união dos corações*, como partilha. Por sua vez, a íntima ligação entre a ceia e a paixão de Jesus enfatiza sua total gratuidade e a medida sem medida (RD, Istruzioni alle figlie, virtù della carità fraterna)<sup>19</sup>.

**18.** São freqüentes as referências eucarísticas nas “Memórias”, cf. M. I, 25; M. III,19; 33; IV, 11. 19.40; V,6. 14. 36; VII,7.16....

**19.** Cf. M. III, 46-49: “O ter lido alguma coisa que tratava da Última Ceia de Jesus, e especialmente do seu amor pelos homens no ato de instituir o Divino Sacramento[...], fez-me entrar em mim mesma, a ponto de eu começar a me recolher...; este sentimento do amor de Jesus pelos homens... dava-me tanto desejo de torná-lo conhecido e amado”.

## 6. *Maria, ao pé da Cruz e Mãe da caridade, “Fundadora” da obra de Madalena*

Madalena reconhece em Maria o lugar onde o amor do Senhor Crucificado encontrou plena acolhida, e por isso as Filhas da Caridade são chamadas a aprender com ela como se tornar disponíveis à caridade do Senhor. Pelo dom do Espírito e na comunhão dos santos, a exemplaridade de Maria, se traduz na sua maternidade. Trata-se de uma maternidade que tem clara configuração apostólica: Maria ao pé da cruz é partícipe da luta contra o mal, da dedicação que pede acolhimento incondicional dos homens marcados pelas feridas do pecado. Maria é *“constituída mãe da Caridade ao pé da cruz, naquele momento em que pelas palavras do seu Divino Filho agonizante, nos acolheu a todos em seu coração” ainda que pecadores* (RD, Pref.).

Porque esta maternidade é participação na paixão do Senhor para o resgate de todos nós pecadores, Madalena reconhece nela um exercício peculiar na fundação das Filhas da Caridade: elas são o seu instituto, dedicado aos pobres de educação, instrução e de assistência, por causa do pecado<sup>20</sup>. Na ótica de Madalena, o deixar-se educar por esta maternidade significa trabalhar esforçando-se e padecendo, para que todo homem venha à luz como filho de Deus<sup>21</sup>.

20. Cf. Ep. II/1, 505; II/2, 1135. 1426; III/1, 178. 240; III/2, 936. 1001. 1266; III/5, 4050.

21. Este caráter apostólico da maternidade de Maria sobressai numa anotação, tomada de uma companheira, durante uma conferência feita por Madalena, para animar as Filhas da Caridade: “mostrou que o amor de Maria foi constante nas dores de seu Jesus, até ele agonizar na cruz, mas ela permaneceu sempre intrépida e constante no sofrimento. Assim também, uma Filha da Caridade deve ser forte e perseverante em imitá-la, ainda que lhe devesse custar a vida no exercício das obras do Instituto”. (Rss II,222-223); cf. também o Plano da Instituição das Terciárias das Filhas da Caridade (Rss II, 46)

## 7. A Caridade segundo a lógica do Crucificado plasma a fraternidade da comunidade

A fraternidade nasce do amor gratuito e capaz de curar todas as feridas, que contemplamos em Jesus Crucificado, que celebramos na Eucaristia e que vemos totalmente acolhido por Maria, mãe da caridade. A fraternidade explica a sua vitalidade cotidiana e sustenta nas provações do apostolado, se as irmãs estiverem *bem fundamentadas interiormente, ou seja, se para elas o amor do Senhor é fonte e regra de vida* (RD, *Virtude da Caridade fraterna*). Somos gerados e regenerados para a fraternidade através do perdão e da reconciliação, como seu dinamismo constante, cotidiano: “*fica também prescrito que, se por acaso uma Irmã faltar de caridade para com uma outra, deve pedir desculpa e se reconciliar com ela antes de dormir*” (RD, *Caridade para com o próximo*, Reg. 5). A vida fraterna é basicamente caracterizada pelo mútuo reconhecimento de que todos nós fomos tocados pela misericórdia de Deus no amor de Jesus Crucificado. Assim, a fraternidade da comunidade<sup>22</sup> aparece como primeira atuação do duplice preceito da caridade contemplado em Jesus Crucificado. Ela é condição indispensável para manter efetivamente a caridade como inspiração de todo o operar: sem isso fica-se exposto ao risco de se tornar “*fantasmas de caridade*”<sup>23</sup>.

**22.** O binômio comunidade-fraternidade pressupõe uma necessária correlação, embora não apresente uma coincidência. Fraternidade refere-se a uma qualidade das relações, motivada por uma intencionalidade que inspira o estar junto. Comunidade se refere à estrutura ou organização na qual a fraternidade toma forma e que a própria fraternidade acontece para garantir-se as condições indispensáveis. Cristãmente, a fraternidade é partilhar, tornar reciprocamente disponíveis os valores do Evangelho, fazer junto a vontade do Pai. Isto acontece através da estrutura humana de cada um que se deixa julgar e purificar pelo Evangelho. Fraternidade é também ajudar-se nesta comum disponibilidade ao Evangelho. Faz parte desta ajuda a comunidade, como um conjunto de ritmos e instrumentos assumidos para este fim. A comunidade é feita para ser laboratório de fraternidade e assim também sinal. (cf. CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA, *A vida fraterna em comunidade*, Roma 1994).

**23.** Cf. RD. *Carità verso il prossimo*, Reg. V; *La virtù della carità fraterna*, pp. 205-207, remete a Jo 13, 34-35, em conexão com a Eucaristia e a Mt 18, 19-20, no fim do tratado, p. 217.

## 8. A ministerialidade da Caridade: uma caridade universal e integral

A ministerialidade da caridade em relação às condições de existência humana na História, aparece desde o início como elemento constitutivo do carisma de Madalena. O que determina a operatividade da caridade é a condição concreta dos pobres<sup>24</sup>. Segundo o carisma de Madalena, o amor do Senhor suscita, sim, a contemplação estupefata mas, sempre de tal modo que indique o rumo da ação inspirada pela caridade.

Como a própria Madalena diz, trata-se de “imitar o Divino Salvador na atuação do segundo preceito da caridade”<sup>25</sup>. No operar existe a aceitação de um padecer como sinal da luta contra o mal da qual a cruz do Senhor revela todo o peso e a dedicação que ela requer. O “*torcular calcavi solus*” (M. V, 15) que se refere a Is 63,3, já interpretado cristologicamente em Ap 19,15), evoca bem a determinação e a dedicação com que o Senhor conduz a luta contra o mal<sup>26</sup>. Intimamente ligado à luta contra o mal estão a atitude e o estilo da humildade do serviço, que se adapta à situação da pessoa e visa sua promoção, para fazer com que ela possa encontrar o seu lugar na sociedade e na comunidade eclesial, reflexo e experiência do lugar que lhe foi concedido pelo Senhor<sup>27</sup>.

Articulações permanentes e indissolúveis do carisma são os três ramos ou ministérios da caridade: a educação (ou resgate e promoção da pobreza), a evangelização (revelação da fonte e meta da dignidade de toda pessoa), e a assistência (testemunho/ anúncio que a vul-

24. “Parece que as necessidades do próximo, podem se reduzir principalmente a três, sendo que delas derivam, depois, quase todos os males. Necessidade de educação, necessidade de instrução, necessidade de assistência e de ajuda nas doenças e, na morte”. (Piano B. 6-6)

25. Cf. RD, *Carità verso il prossimo*, Reg. 1.

26. A releitura cristológica evidencia que a luta de Deus contra o mal encontrou a sua definitiva atuação em Cristo e na sua páscoa, onde o mal é destituído de qualquer pretensão de justificação, é, definitivamente, pisado e expulso de sua pretensão de determinar o homem.

27. Cf. RD, *Virtù dell'umiltà*, Reg. 1-3; *Carità verso il prossimo*, Reg. 2; *Regole delle Scuole*, Intr.; Reg. XXXI.



nerabilidade humana não é sinal do abandono da parte de Deus e não é a última palavra da vida)<sup>28</sup>. Estas três direções da caridade emergem como o concretizar-se do amor nas históricas condições estruturais do homem, para o qual o Senhor se expôs à cruz.

Nelas se reconhece facilmente uma implícita antropologia do carisma, a antropologia da caridade, que pede para cuidar das condições da liberdade da pessoa, para que ela possa reconhecer o amor de Deus e a Ele se entregar, na partilha operosa, na fidelidade e na confiança.

A prova de como a caridade, a caridade do Senhor, acolhida e partilhada, sabe fazer emergir e salvaguardar o valor de cada homem, no modo próprio de sua dignidade são os pobres, que são sempre os empobrecidos, em condições de desvantagem.

A ministerialidade da caridade, como Madalena a entende a partir do amor do Senhor Crucificado, contém a abertura missionária ao mundo inteiro, a qualquer lugar onde o Senhor não é amado porque não é conhecido e onde o homem não é objeto do amor: *“desejaria poder me reduzir a pó, se desse modo pudesse dividir-me por todo o mundo para que Deus fosse conhecido e amado”* (M. III,50)<sup>29</sup>.

**28.** O Instituto das Filhas da Caridade dispõe de dois documentos recentes, sobre a caridade como caminhos para a atuação integral da caridade: Linhas Mestras da Caridade Ministerial das Filhas da Caridade Canossiana (Roma,1996) e A Ministerialidade na Comunidade Canossiana, sinal legível da Caridade (Roma, 2002).

**29.** Cf. M.I, 28; II, 45-46. Na mesma linha se vê a abertura ecumênica de Madalena que, nas situações históricas da época, não teve ocasião de atuá-la (cf. M. I,31; XIII,77). A caridade do Senhor é abertura a todos os que buscam reconciliação.



## 9. O carisma de Madalena: prática da contemplação da caridade do Crucificado

O carisma de Madalena pode ser entendido sinteticamente, segundo a sua gênese, como uma intuição peculiar da caridade do Senhor no mistério da sua paixão: *ela é totalmente gratuita, imerecida* (dirigida a nós incapazes de compreendê-la), *fraterna* (implica numa aceitação de mútua reconciliação) e *apostólica*, habilita a servir no estilo do Senhor, sem pretensão de reconhecimento, mas somente com o intuito de *fazer o bem*.<sup>30</sup> E justamente este rosto do amor do Senhor Jesus, que narra a sua glória na paixão, a ressurreição na morte, é também a fonte da unidade de vida do carisma vivido, porque ele não faz senão secundar a dinâmica da caridade *contemplada, partilhada e oferecida*. A própria Madalena resume tudo isso na afirmação: “*Fazer Jesus Cristo conhecido, pois Ele não é amado porque não é conhecido*”<sup>31</sup>. O conhecimento do Senhor, porque é conhecimento do seu amor por nós, leva-nos a partilhar o seu amor entre nós e com aqueles que carregam o peso do não amor.

O carisma de Madalena foi vivido na Igreja, desde o início segundo o estatuto da vida religiosa/consagrada, assumindo os traços peculiares da profissão de castidade, pobreza e obediência, segundo o espírito próprio e a forma da comunidade fraterno-apostólica.<sup>32</sup> O carisma, porém, reconhece também a participação de leigos, segundo modalidades diferentes que experiências e documentos do Instituto procuraram implementar e explicitar.<sup>33</sup> Na variedade das modalidades de parti-

30. Cf. RD, *Regole delle Scuole*, 35.

31. RD, *Discipline per l'esecuzione, Regole delle scuole*, 1.

32. Cf. RD, *Dei voti dell'Istituto*, p. 47; *Piano B.* 10-9. Madalena percebe que o seu Instituto não constitui “uma religião monástica claustral, contudo [...] os indivíduos que o compõem devem observar uma vida religiosa” (RD, *Dei voti dell'Istituto*), cujos meios principais são os três votos: de castidade, pobreza e obediência, a vida fraterna em comunidade, segundo a regra (cf. B.7-7).

33. Cf. XI CAPÍTULO GERAL, *A promoção dos Leigos no hoje da Igreja e do Instituto*, Roma 1984; VO.I.CA, *O voluntariado internacional canossiano*, Roma 1996, part. pp.14-18.

cipação no carisma se reconhece o seu caráter eclesial (não pertencente exclusivamente a ninguém) e a prioridade das suas intenções e finalidade em relação às formas de atuação. Devemos, porém dar uma atenção especial às pessoas que se identificam com o carisma, porque elas assumem, segundo o seu estado, modalidades de vida cotidiana adequadas a alimentar e manter vivo o carisma. Assim, ele contribui para a vitalidade da Igreja, para mantê-la sensível a todas as nuances do Evangelho.

### 10. “*Filhas da Caridade Servas dos Pobres*”

O nome de *Filhas da Caridade-Servas dos Pobres* (RD, *Pref.*), evidencia como o duplice preceito da Caridade identifica as pessoas que partilham o carisma de Madalena, realizando a própria santificação no seguimento de Jesus Crucificado, como dedicação à glória de Deus e à salvação das almas<sup>34</sup>. É exatamente a dimensão pascal da caridade que sublinha a indivisibilidade dos dois aspectos, para que, na paixão do Senhor, se perceba claramente como o seu amor se orienta àqueles que, de modo particular, carregam as pesadas conseqüências da ausência do amor ou por ele ficar exposto à possibilidade da rejeição na história. O serviço aos pobres é o nome específico do amor de Jesus, segundo os traços da paixão; é sinal atuante de sua glória, de sua soberania na nossa história. É a inédita nobreza do Evangelho que Madalena compreendeu na contemplação de Jesus Crucificado.

**34.** Preceito aqui não se refere a alguma coisa que seja imposta, mas biblicamente, indica o que é irrenunciável devido ao seu valor e da grandeza do dom do qual ele brota. (cf. Início do prefácio da RD).



3

*Carisma  
e Espírito  
do Instituto*

Para se viver o carisma é necessário um conjunto de atitudes, de condições e iniciativas, que o expressem e realizem o seu indispensável cuidado. O carisma vive de seu próprio espírito, reflexo do Espírito do Senhor, que se concretiza num conjunto de atitudes, de modos de viver e servir que colocam permanentemente instâncias formativas. Madalena fala muitas vezes do “*espírito do Instituto que deve ser transmitido inteiramente e perfeitamente àquelas que virão depois de vós*”(RD, Conclusão, p. 315), para “*se conservar puro e livre de todo obstáculo*” (Ep. II/1, 149), como também do “*espírito da Regra*”<sup>1</sup>. Os lugares onde o carisma é conservado e cultivado são essencialmente dois: a comunidade cristã e a comunidade fraterna carismática, o Instituto<sup>2</sup>.

Na Igreja, entrelaça-se uma recíproca e fecunda relação entre comunidade cristã e instituto. O ritmo essencial da Igreja, o ano litúrgico, e o seu caminho concreto na história dos homens são alimento fundamental que o Instituto partilha com todos os membros da Igreja. Por sua vez, o Instituto, em virtude do carisma do qual haure vida, contribui para a caminhada da Igreja, para a sua vitalidade. Ele surgiu como dom do Espírito para a santidade da Igreja, para que ela possa ser presença entre os homens nos moldes próprios da sua missão. Cultivar o carisma

1. Cf. RD, *Impieghi della superiora*, p. 243. O “espírito do Instituto” designa atitudes e condições referentes não só ao campo moral ou da piedade, mas à integridade da pessoa, portanto, também à inteligência, ao equilíbrio, à liberdade e à responsabilidade. Trata-se ao mesmo tempo de “sensibilidade” e de exercícios e estruturas que contribuem para ajudar a perceber o significado do carisma e o que ele exige para se encarnar em nós.

2. É óbvio que os dois sujeitos, comunidade cristã e específica comunidade carismática, não são alheios um ao outro. A comunidade fraterna canossiana está na comunidade cristã, vive a idêntica fé, mas como sujeito original, portador de um carisma para a Igreja.

significa estar atentos às condições em que se realiza este intercâmbio vital.

## 1. O Carisma na vida da Igreja

O Carisma encontra o primeiro e fundamental alimento na vida da Igreja, na comum escuta da Palavra, na celebração da graça nos sinais que a tornam visível, na referência aos ministérios que garantem à Igreja fidelidade e unidade. O carisma nos torna participantes da vida da igreja segundo a sua específica natureza, segundo a história de santidade que ele suscitou. Desse modo contribui também a fazer ressaltar a multiforme ação da graça de Deus.

A respeito do que propõe o ritmo fundamental da vida da Igreja, a vida da comunidade e o próprio caminho pessoal não pedem primordialmente acréscimos, mas sim que se preste bastante atenção, para que se possa reconhecer de onde o carisma extrai seiva no interior do patrimônio da fé e como, por outro lado, ele coloca em destaque seus aspectos. Neste prisma compreende-se e se valoriza as orações e práticas que o Instituto propôs ao longo da história e que as renova e as adapta ao tempo.

◆ **Centralidade da Páscoa e contemplação das virtudes do Crucificado.** A devoção a Jesus Crucificado tem o seu fundamento e o seu lugar na centralidade cristológica e pascal da fé cristã, ressaltando a sua gratuidade onerosa e, por isso mesmo, sua concreta universalidade. Esta tônica se alimenta na meditação da Palavra e pode permear toda a experiência sacramental que tem o seu eixo na Eucaristia<sup>3</sup>. A medi-

3. Este aspecto sobressai principalmente nas Memórias, onde freqüentemente a experiência eucarística une a riqueza do Amor de Deus às dificuldades apostólicas.

tação e a imitação das virtudes do Crucificado, intuição profunda da riqueza de sua vida, na morte e além da morte, nos pede elaborar a sua atuação nas condições concretas do nosso operar eclesial. Leva-nos a sublinhar o seu caráter de serviço e assumir as suas atitudes. Deste modo a inspiração carismática canossiana se torna peculiar proposta de leitura do mistério pascal e contribui para a compreensão de sua graça pascal que faz a comunidade eclesial viver.

- ◆ ***Eucaristia e fraternidade.*** A participação na Eucaristia, memória da Páscoa do Senhor, nos recorda continuamente que a comunhão da comunidade cristã nasce do dom da reconciliação e é aberta a todos. A intuição carismática de Madalena nos leva a viver a Eucaristia acentuando a plena confiança no amor de Deus, como lugar onde nos é entregue o mandamento do amor, como graça que nos instrui nos caminhos da fraternidade e do serviço.
  
- ◆ ***Dedicação ao Reino de Deus segundo o dúplice mandamento do amor.*** O dúplice mandamento do amor, formulado também como busca da glória de Deus e da salvação das almas que se fundem na própria santificação (RD, Pref.), corresponde à prioridade absoluta dada ao Reino de Deus e à sua justiça e constitui a orientação fundamental da vida cristã que a Igreja conserva e alimenta. A leitura do dúplice mandamento à luz do mistério pascal, própria do carisma, contribui a pôr em foco a sua fonte e o seu modelo.

◆ ***Missão da Igreja e ramos de Caridade.***

As formas específicas da Caridade ministerial, os três ramos de Caridade, são meios de participação, segundo o nosso carisma, na missão da Igreja, chamada a manifestar a salvação (trazida por Cristo) e a mostrar os caminhos que a ela conduz.. É especialmente através da atenção dada aos mais pobres, que colaboramos para que a Igreja seja no meio dos homens, sinal e instrumento do amor de Deus, e para que todos, particularmente quem não tem voz e nem vez, os encontre na Igreja.

- ◆ ***Maria, a mãe do Senhor, mãe da Caridade.*** Também o lugar de Maria, a mãe de Jesus, na vida cristã é iluminado pela sua especial relação com o Jesus Crucificado e pela sua perspectiva apostólica específica do carisma. Madalena reconhece na Mãe Dolorosa a “Mãe da Caridade ao pé da cruz”. No exemplo de Maria para a Igreja que caminha na história, a Família Canossiana descobre também o exemplo para o próprio carisma e o enfatiza qual aspecto significativo para toda a comunidade cristã.

## 2. O carisma na vida do Instituto

O carisma sempre existe se vivido, segundo três modalidades distintas e correlacionadas internamente: ele existe no estado original na vida da fundadora, conhece uma forma instituída enquanto partilhado e aprovado pela Igreja, é pessoalmente assumido por cada Irmã e Irmão que se reconhece chamado a participar dele. Ele é, sem solução de continuidade, carisma da fundadora, carisma de fundação e carisma de um Instituto<sup>4</sup>. Mantê-lo nesta fecunda conexão, aceitando a tensão que isto implica, é tarefa formativa que não pode ser esquecida.

### ◆ Carisma e processos de formação

Compreendido e vivido na fé, o carisma está em nossas mãos como *permanente instância de formação*, sem a qual ele corre o risco ou de se fechar numa forma (de um momento histórico e contexto cultural), ou de se expor a improvisações que ofuscam a sua fecunda conexão com a experiência e o testemunho original, ou seja com o carisma como dom.

Podemos recordar, sinteticamente, como também para o diálogo e o caminho comum, algumas operações de fundo da formação permanente<sup>5</sup>.

- *A descoberta.* Nós vivemos o carisma sempre dentro de formulações (verbais, de maneiras de vida, de serviço...), nas quais o recebemos e segundo as nossas sucessivas experiências. É importante

4. É necessário reconhecer que esta terminologia é definível só por aproximação. Foi introduzida e é útil para compreender algumas instâncias da renovação que a formação deve saber assumir. Por *carisma do fundador* podemos entender um conjunto de três elementos: uma inspiração evangélica, um projeto que dele brota e o papel próprio do iniciador, também através de dons e atitudes estritamente pessoais. O *carisma de fundação* indica um valor evangélico em evidência com os objetivos que dele brotam, a respeito de uma determinada situação e ao redor da qual se realiza uma convergência e uma partilha. *Carisma de Instituto* é o carisma de fundação, como ele foi recebido, compreendido e confirmado pelas experiências que qualificam sua realização na história da família religiosa que o assume. *O espírito do instituto* envolve todos os momentos do carisma e se renova exatamente através do processo de fidelidade ao carisma e às suas formas expressivas e atuantes. Para se entender a apresentação paulina de carisma ligado à vida consagrada e por esta matéria, aqui simplificada em termos elementares e essenciais, pode-se consultar G. Rocca, *Il carisma del fondatore*, Milano 1998, que oferece também a seleção da bibliografia sobre o tema.

5. Pode-se reconhecer facilmente este processo de modo especial no Prefácio à Regra Difusa e encontrá-lo resumido na urgência de "*estar bem fundamentadas interiormente*" (RD, *Virtù della carità fraterna*, p. 204).



que umas e outras se reaproximem, segundo etapas úteis e significativas, da realidade original na qual elas haurem, através de leitura correta das fontes do carisma<sup>6</sup> e da fé dentro da qual o carisma vive. A descoberta se torna, em nós, nova compreensão e possibilidade de atualizar os nossos modos de viver e agir.

- *A interiorização.* A redescoberta não se torna produtiva em nós se não encontra o caminho para descer ao nível das motivações, se não nutre a nossa memória fundamental, a nossa reserva de razões de vida, além do jogo dos resultados cotidianos (gratificações e dificuldades). Sim, trata-se da ação do espírito, mas existem, segundo a experiência humana e da Igreja, instrumentos e atitudes que acompanham o processo, como por exemplo, a reflexão partilhada que visa favorecer o diálogo entre as situações da vida e a riqueza do carisma na fé<sup>7</sup>.
- *A renovação.* O carisma se torna fecundo sempre através das nossas capacidades e atitudes que cultivamos tornando-as competências. Toda vez que a mudança sócio-cultural nos leva a variações de competências e de instrumentos dos quais nos valer, coloca-se também a tarefa de reatualizar sua ligação com a inspiração carismática. De fato, nenhum instrumento é neutro; a inspiração carismática traz consigo atitudes e atenções que permitem um uso coerente (e eventualmente uma crítica purificadora)<sup>8</sup>.

6. Para uma indicação simples e de máxima pode-se consultar o documento: *Per una lettura degli scritti di Maddalena*.

7. Na linguagem de Madalena isso corresponde à exigência de traduzir a inspiração em virtude carismática (cf. *Istruzioni alle figlie*, RD, mas não é só isso)

8. A urgência de renovação parece emergir sobretudo dos Planos onde Madalena ressalta a importância de um agir pertinente às situações e na RD, onde também para a vida das irmãs, pede que respeitem os lugares e costumes (cf. RD, *Virtù della Carità fraterna; Impieghi della superiora*).

- *A decisão.* Todo processo formativo, como re-assunção do carisma na própria vida, termina em decisão, que se coloca em níveis diversos, pessoal, comunitário, de província, de instituto. É importante porém não esquecer que toda decisão é o resultado de um processo (que torna as razões compreensíveis, e, portanto, fonte de motivação interior), e pede outro processo (com atenção às condições para a implementação da decisão). Neste quadro, por exemplo, são colocados os projetos de vida da comunidade, projetos da Província <sup>9</sup>.

Trata-se de quatro processos em contínua inter-relação, condicionados pelo andamento da vida, onde novas situações exigem orientações e decisões e estas comportam exigências de redescoberta e interiorização, em vista de renovação.

#### ◆ *Vida do Instituto e formação*

A vida do Instituto tem ritmos próprios de clara implicação formativa destacando, vez por vez, um ou outro processo (ou um conjunto deles). Os Capítulos Gerais e Provinciais são estruturas de renovação, e os seminários de estudo são espaços de redescoberta e interiorização. As comissões de cada ministério podem ser de fato processos que nos habilitam a decisões. Estes são importantes momentos de exercício do espírito do Instituto, no empenho da responsabilidade em reinterpretar e assumir o carisma<sup>10</sup>.

9. As cartas de Madalena contêm muitos elementos interessantes para elaborar processos de discernimento e de decisões coerentes com o carisma.

10. Segundo as deliberações do XIV Capítulo Geral (2002) pode-se adotar como instrumentos e categorias sintéticas dos processos próprios do caminho formativo como o do "narrar" e do "estilo de vida". Em tempo de grandes e rápidas mutações e de urgência de inculturação do carisma em contextos diversos, elas parecem particularmente úteis para cultivar a fidelidade (a narração pede e ajuda a não proceder por interrupções), elaborando a eficácia do carisma "em situação".

### ◆ *Fraternidade em comunidade e formação*

Os ritmos cotidianos da vida fraterna, como partilha das alegrias e das dificuldades do dia-a-dia, como exercício das atenções que o serviço nos pede, como ajuda recíproca na caminhada de cada irmã, segundo os apelos da graça de Deus e do carisma, fazem da comunidade lugar especial de formação contínua. O projeto comunitário, com o discernimento e as revisões que ele comporta, é um instrumento que nos ajuda a manter o fio da narração da graça de Deus entre nós e, com paciente perseverança, evidenciar um estilo de vida fraterna e pessoal, capaz de propor ao ambiente no qual vivemos, o valor do Evangelho e do dom-carisma que nos é confiado. Compreender o carisma no hoje da Igreja para o mundo, assumir as suas instâncias formativas no sulco do Espírito do Instituto é espaço de encontro e de diálogo, que nos permite reconhecer entre nós a riqueza do dom que nos identifica e, por isso, dar graças a Deus enquanto a experienciamos como vitalidade da Igreja, como glória da caridade do Senhor que brilha ao dizer aos pobres que a Sua paixão é por eles e que eles têm motivo para contar com o amor de Deus e para se abrirem ao amor<sup>11</sup>.

<sup>11</sup>. Cf. RD, *Regola per la Dottrina*, *Introduzione*.





## FILHAS DA CARIDADE - CANOSSIANAS

CÚRIA GERAL

Via della Stazione di Ottavia, 70 - 00135 - ROMA - ITÁLIA







IMPRESSO NA TIPOGRAFIA L. BASCHERA  
VERONA - ITÁLIA  
MAIO/2003